

# PETTA REDDAST: uma filosofia islandesa para lidar com otimização e incerteza

Iniciar o desenvolvimento de uma empresa ou tecnologia, sobretudo quando se é jovem ou nunca se empreendeu antes é, sem dúvida, uma grande aventura. Fazer isso num país onde não existe garantias de saúde ou de um mínimo de qualidade de vida, sobretudo quando o empreendimento dá errado, é como andar na corda bamba sobre um vulcão ativo e sem rede protetora: o limite do esporte radical. Dessa mesma forma, participar de startups em países como Bélgica, Alemanha, Dinamarca ou Suíça é uma empreitada que envolve incertezas, riscos, devoção, alegrias e tristezas que respingam sobre todos os mais próximos do empreendedor. No entanto, fazer essa mesma proeza em países como o Brasil, poderia muito bem ser chamado de “empreendedorismo radical”.

Mas foi exatamente por pensar que incertezas e dificuldades, assim como vulcões, também têm sua beleza, afinal é através deles que a vida pode terminar, mas é também através deles que a vida pode começar, que a Islândia, por exemplo, se tornou um país tão interessante. Apesar de ser um país geologicamente recente, pleno de vulcões e de lendas, todos bonitos, mas às vezes aterrorizantes, apesar das dificuldades e incertezas, a Islândia é hoje bem povoada e sua população teve que desenvolver uma filosofia especial que é bem resumida no termo “petta reddast”. Pois se, em virtude das condições naturais, a população islandesa tem que buscar o máximo de informação e o máximo de eficiência nos momentos que pode agir, eles também tiveram que aprender que o aleatório existe e que dele fazem parte forças enormes da natureza, num jogo onde o planejamento e o processo de otimização pode ter que ser revisto a cada jogada. E, mais ainda, que não é ótimo se estressar com isso. Então, petta reddast, ou seja, faça-se o melhor, e uma dessas ações é acreditar que no final tudo vai dar certo.

Mas, voltando ao cenário de empreendedorismo no Brasil, enquanto não se consegue estender uma rede

protetora para aqueles empreendedores que deveriam ter um pouco mais de proteção do Estado (pelo preço que se paga), como têm os empreendedores da Bélgica, da Alemanha, da Dinamarca ou da Islândia, seria importante no mínimo proporcionar informação adequada, condizente com a lógica econômica e com as ações estratégicas adotadas e incentivadas nos líderes de inovação no mundo, como a China, o Japão, a Coreia ou a Alemanha. Ou seja, quando o mundo da inovação está cada vez mais aberto, quando o conhecimento está cada vez mais difundido, petta reddast na inovação significa não somente manter o otimismo, mas procurar, considerando as ações estratégicas de todos os jogadores, escolher estratégias ótimas para o jogo de inovação, criando condições para que cada inventor maximize seu próprio subjogo a partir do melhor conjunto de informações possível.

Nos anos 80 o Brasil era tratado como um BRIC, como a China. Hoje fica difícil comparar. Houve muitas diferenças em estratégia. E um dos campos onde os dois países mais destoam é o de patentes. Enquanto a China saiu de praticamente zero patentes em 1985 para chegar ao topo da lista de depósitos de patentes de invenção no mundo, com mais de 1,2 milhão de depósitos de residentes em 2016, o Brasil não teve proporcionalmente quase nenhum crescimento nessa área, fechando o ano de 2016 com pouco mais de cinco mil depósitos de residentes. Um número nada condizente com a capacidade inventiva e de trabalho do brasileiro. Da mesma forma, no recentemente publicado Global Innovation Index 2018 (GII 2018), da World Intellectual Property Organization (WIPO), o Brasil fica com uma péssima 64ª posição, também nada condizente com o tamanho de sua economia.

Quando um crescente percentual das cadeias globais de valor se torna intangível, incluindo propriedade intelectual, precisa-se, como diz Henry Chesbrough, da Harvard Business School, deixar de relegar decisões sobre patentes e licenciamento apenas para o departamento

legal de empresas e instituições e trazer estas decisões para a área estratégica. Patentes, no mundo de hoje, são ativos que valorizam empresas e inventores e, assim como no caso de fotografia, que antigamente era bem mais caro e demorado e, portanto, só podia ser "métier", ofício de uns poucos, o mercado de propriedade intelectual, que inclui patente, também foi profundamente afetado pela

tecnologia e internet. E assim suas portas e seus segredos foram abertos para quase todos, tornando patentes, inclusive, uma das melhores e mais baratas ferramentas para se prospectar mercado e se participar de lucros, enfim, num importante ativo na economia do conhecimento e eventual "rede protetora" para empresas maduras e startups.

### TABELA 11. PATENTES SÃO CARAS?

O depósito de patentes para pessoas físicas e microempresas no Brasil é feito mediante o pagamento de uma GRU de R\$70,00 e a partir do segundo ano são pagas anuidades de R\$118,00. No 36º mês do depósito paga-se uma taxa de exame de R\$236,00 e na expedição da carta patente uma taxa de R\$94,00.<sup>2</sup> É preciso de um especialista para escrever um pedido de patente?

Patentes são examinadas no INPI por técnicos naquela especialidade do pedido de patente. E, do ponto de vista técnico, ninguém melhor do que um técnico para escrever para outro técnico da mesma área. Experiência é sempre bom, mas, se o preço é inacessível, é melhor aprender e fazer você mesmo do que ficar sem proteção nenhuma. E esse processo pode ser enormemente facilitado pelo SysPat ([www.syspat.com](http://www.syspat.com)).<sup>3</sup> Escrever e depositar um pedido de patente é demorado?

A escrita de um pedido de patente pode durar de apenas algumas horas, para um técnico com experiência no assunto, a alguns dias. O depósito pode ser feito online e pode não durar mais do que alguns minutos.<sup>4</sup> É preciso esperar que um pedido de patente seja convertido em carta patente para se começar a negociar licenças e a exploração da invenção?

Não. No mundo todo e sobretudo nas áreas com muitas mudanças, o conhecimento envelopado por um pedido de patente pode ser analisado por técnicos do comprador da licença e negociado o quanto mais cedo melhor. No Brasil mesmo isso acontece. Recentemente a Universidade de Campinas negociou 9 invenções, todas ainda como pedidos de patente, com perspectivas de receitas superiores a 10 milhões de reais.

Grande parte dos problemas encontrados no Brasil para aperfeiçoar a utilização dessa ferramenta está baseada em desconhecimento. Embora a educação incentive criatividade e empreendedorismo no Brasil, a forma de envelopar o conhecimento para lhe dar valor de mercado, que é Propriedade Intelectual, praticamente não faz parte do currículo de escolas e universidades. Na Tabela 1 descrevemos algumas das questões básicas que repetidamente encontramos ao longo dos 15 anos que trabalhamos nessa área no Brasil (e 25 no mundo).

Por fim, patentes valorizam o conhecimento e como consequência o estudo e a educação. Não é à toa que indústrias intensivas em patentes pagam salários 64% mais altos do que a média segundo o Global Innovation Index 2018. E, por incentivar a cooperação entre inventores, propriedade intelectual é uma ferramenta que estimula estratégias cooperativas baseadas em valores, como o conhecimento, que podem ser fundamento de sociedades com melhor e mais meritória distribuição de renda e plenas de satisfação e felicidade para todos.



Artigo: Paulo Coelho - SYSPAT

